

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Francielem Boeira Piano

**Concepções de docentes sobre a medicalização
da não aprendizagem**

Porto Alegre
1º semestre 2014

FRANCIELEM BOEIRA PIANO

**Concepções de docentes sobre a medicalização
da não aprendizagem**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Realizado sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Tania Beatriz Iwazsko Marques.

Porto Alegre
1º semestre 2014

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha avó, que, com todo amor e dedicação, me proporcionaram viver este momento e passar por este percurso da minha vida da melhor maneira que poderia ter acontecido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai à minha avó e familiares, que são o maior exemplo e admiração que tenho e como tal sempre me dão suporte, pensamentos positivos e as palavras certas para seguir em frente.

Agradeço às professoras entrevistadas que cederam o seu tempo e dedicação para que realizasse este trabalho com êxito.

Agradeço a Deus, que está comigo em todos os momentos da minha vida, me fortalecendo e mostrando sempre o melhor caminho a ser seguido.

Agradeço a todos os meus amigos, colegas e ex-colegas, os que estão perto e os que estão longe, pela amizade sincera, pelos desabafos de final de curso, pelas risadas e companheirismo.

Aos queridos vizinhos e vizinhas da Casa de Estudante Universitário que, durante as trocas cotidianas da moradia estudantil, enriqueceram meus pontos de vista de mundo, mostrando-me que, às vezes, eles podem ser apenas as vistas de um ponto e principalmente o acolhimento como uma grande família.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Tania Beatriz Iwaszko Marques, pelo apoio e dedicação durante o semestre. Pela maravilhosa orientação que me proporcionou, apesar do nervosismo inevitável, fazer este trabalho de uma forma tranquila e otimista.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai, enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho teve origem a partir de indagações sobre a visão que o professor tem em relação ao aluno que não atinge a aprendizagem esperada na série em que está estudando e como percebe a influência da medicalização nesse processo. Ancorado no campo da psicologia, tendo como principais autores Sara Paín e Jean-Marie Dolle, tem como objetivo compreender e registrar como docentes pensam e com base em que princípios pedagógicos e psicológicos avaliam seus alunos perante as dificuldades apresentadas. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas gravadas, realizadas com três professoras de diferentes idades e tempos de profissão, que atuam na rede de ensino estadual, municipal e particular de Nova Prata/RS. As análises mostram que há diferentes olhares dessas professoras sobre a medicalização.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Dificuldades de Aprendizagem; Medicalização.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REVISÃO TEÓRICA.....	10
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	16
4.1. Professor não dá diagnóstico nenhum. É um conjunto de profissionais.....	16
4.2. Tem alunos que, tomando a medicação, mudam completamente..	19
4.3. Ele tá melhorando, bem pouquinho, mas tá melhorando.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Optei por pesquisar a visão que os professores têm em relação à não aprendizagem de seus alunos e o uso de medicamentos para auxiliá-los nesse processo pois, desde o início do curso, participei de algumas discussões com algumas professoras a respeito do assunto. Geralmente conversas informais sobre porque os alunos aprendem ou não e quais os motivos. As opiniões são interessantes, umas revelando ideias semelhantes e outras bem diferentes das minhas e, por isso, tive interesse em conhecer, de forma mais sistemática, algumas concepções de docentes sobre a questão da não aprendizagem e sua medicalização.

A educação é uma área ampla, mas precisa seguir uma linha, ter critérios de avaliação no sentido de educar para ler, escrever e ser cidadão crítico. Mas será que todos os educadores pensam da mesma forma? Acredito que a educação é a que mais contribui para que nos tornemos cidadãos bons e críticos. Quando o aluno é deixado de lado, ignorado, por apresentar dificuldades, não apenas em relação ao universo escolar, mas também como pessoa, podem ocorrer perdas muito significativas, não apenas para ele, mas para toda a comunidade escolar. Acredito que não se deve desistir de um aluno e sim auxiliá-lo a encontrar caminhos para suas aprendizagens.

O problema desta pesquisa é compreender como docentes das séries iniciais e educação infantil explicam a não aprendizagem de seus alunos em sala de aula e o uso de medicações para auxiliá-los, e como lidam com isso.

O objetivo consiste em analisar o que professoras de educação infantil e séries iniciais pensam e como agem sobre a não aprendizagem de seus alunos e como veem o uso da medicalização para ajudar nesse processo.

Trago também alguns elementos da minha trajetória de vida, relacionando-os às minhas experiências docentes, buscando justificar, assim, os interesses pelo tema. Ao longo da minha formação sempre me interessou a

questão da medicação utilizada para melhorar a aprendizagem e como isso vinha se dando nas escolas e ao mesmo tempo uma preocupação e indagação se a medicalização é a melhor forma de ajudar o aluno, já que no começo da faculdade também tive que tomar remédios para controlar a ansiedade e saber o que os professores pensam é interessante.

Ao longo do curso, com o estudo da temática em algumas disciplinas e discussões através de seminário, trabalhos e conversas com colegas e professores, o interesse pelo tema foi aumentando.

No capítulo sobre a metodologia é explicada a maneira como foram realizadas as entrevistas com as três professoras de diferentes áreas da educação do município de Nova Prata. Foi realizado um levantamento das falas das entrevistadas, resgatando suas falas sobre a educação e o uso de medicação nos seus contextos escolares.

Na revisão teórica, os autores ajudam a explicar o que me instigou a escrever sobre o tema, a minha caminhada para chegar até aqui, dentro e fora da faculdade, pois, através de diálogos, aprofundei mais minhas ideias e questionamentos sobre este tema.

Por fim, na análise dos dados é feito um entrelaçamento entre os autores e as entrevistas, buscando diálogo entre estes para, nas considerações finais, poder dialogar junto com eles e responder a dúvidas e entender mais sobre o assunto.

2. REVISÃO TEÓRICA

A partir da base teórica dos estudos de Piaget, é possível perceber que o estudo dos períodos do desenvolvimento humano, do ponto de vista cognitivo, do nascimento à vida adulta, pode ser bastante útil para o professor. Estar ciente e atento a essas mudanças, saber perceber que estas fases não são iguais para todos, que os estádios do desenvolvimento têm uma ordem de sucessão constante, e que cada criança tem um tempo diferente para aprender são conhecimentos importantes para o docente.

O desenvolvimento cognitivo passa por estádios e as aquisições de um período são integradas nos períodos posteriores. É O “caráter integrativo” segundo o qual “as estruturas construídas numa idade dada se tornam parte integrante das estruturas da idade seguinte” (PIAGET, 1983, p.236). Ou seja, a partir do nascimento, inicia-se o desenvolvimento cognitivo e todas as construções do sujeito servem de base a outras (MARQUES, 2008, p.21).

É imprescindível perceber que um estádio depende do outro, mas que cada ser humano tem o seu tempo de desenvolvimento e isso, quando mal interpretado, pode prejudicar o aluno, pois cada um tem seu ritmo, e esse processo pode ocorrer naturalmente, sem a necessidade de cuidados diferenciados ou medicação. O diagnóstico precoce da não aprendizagem pode estar, em alguns casos, relacionado com a falta de compreensão desse processo, podendo prejudicar a aprendizagem de um aluno que apenas tinha dificuldades de aprender e não déficit de atenção, hiperatividade e outros problemas mais complexos geralmente diagnosticados quando o aluno não consegue prestar atenção, não fica parado para realizar uma tarefa entre outros comportamentos típicos de quem sofre com essas doenças ou síndromes relacionadas. De acordo com Paín (1985), a aprendizagem é diferenciada para cada pessoa.

As condições internas da aprendizagem fazem referência a três planos estreitamente inter-relacionados. O primeiro plano é o corpo como infra-estrutura neurofisiológica ou organismo, cuja a integridade anátomo-funcional garante a conservação dos esquemas e suas coordenações, assim como também a dinâmica da sua disponibilidade na situação presente; mas também consideramos aqui o corpo, que se é harmônico ou rígido, compulsivo ou abúlico, ágil ou lerdo, bonito ou feio, e com esse corpo se fala, se escreve, se

tece, se dança, resumindo, é com o corpo que se aprende (PAÏN, 1985, p.22).

É preciso ter um olhar observador sobre todos esses critérios. O modo como nos expressamos, como agimos a determinadas situações, por exemplo, faz com que constantemente aprendamos. Nosso corpo fala muito, e algumas condições podem ser herdadas, constitucionais ou adquiridas ao longo do tempo e isso pode favorecer ou atrasar o processo da aprendizagem. Em determinadas situações, alguém pode não falar por timidez, mas não significa que não esteja raciocinando e aprendendo.

Às vezes, um aluno apenas não quer se expressar, mas está aprendendo. Nesses momentos, é necessário o professor conhecer seus alunos e buscar diferentes maneiras para que todos sejam ouvidos. O incentivo pode auxiliar os alunos nesse processo.

O potencial de aprendizagem diz respeito à capacidade que o ser humano possui de ampliar suas possibilidades de aprendizagem e adaptação ao meio, mesmo que tal capacidade não esteja plenamente manifesta em seu repertório cognitivo. Neste sentido, este potencial de aprendizagem está intrinsecamente ligado à possibilidade da transformação cognitiva e pode ser desvelado e ampliado (SARMENTO, 2008, p. 55).

O incentivo pode ocorrer de diferentes maneiras e pode auxiliar o aluno a aprender. Segundo Doole (1996, p.110), “a possibilidade de ampliar sua aprendizagem junto com o meio é fundamental para que o repertório cognitivo se organize em suas manifestações”. A cada nova aprendizagem, o sujeito enriquece os conhecimentos anteriores, organizando assim “arranjos por categorias” dos seus conhecimentos, interiorizando-os. A cada dia, a criança compreende, portanto, cada vez mais, o mundo que a cerca, tornando-se ela mesma um ser por inteiro, sujeito, diferente dos outros.

É preciso que o educador compreenda que cada aluno é um sujeito diferente, e, portanto, é impossível que aprenda igual aos demais colegas, no mesmo tempo e da mesma forma. Perceber essas aprendizagens de seus

alunos é fundamental para auxiliá-los nas novas aprendizagens e entender qual é o caminho que o seu aluno busca para aprender é essencial também.

Se a aprendizagem não ocorre para o aluno, o estímulo não terá funcionalidade. Para que isso seja possível é necessário que o sujeito tenha passado por diferentes tentativas de incentivo ao ensino. Tendo em vista que todo o ser humano passa por este processo, mas cada um no seu tempo, é difícil diagnosticar se o processo de aprendizagem está sendo correto ou não.

Se for observado cada período e cada idade que o período de aprendizagem tem para acontecer e que devemos estar dentro desse padrão se não o processo de aprendizagem não estará correto, não será possível entender o processo da aprendizagem. Cada ser humano tem uma forma diferente de aprender e o tempo para isso deve sempre ser respeitado.

Todos aprendem, mas nem sempre todos aprendem o suficiente para concluir determinadas tarefas, por isso outras formas de ajuda podem ser aprimoradas, como, por exemplo, quando se trata de uma questão orgânica, medicamentos têm a composição química para ajudar neste processo. Se este é o melhor caminho não cabe aqui responder, mas, em muitos casos, medicações para acalmar um aluno muito agitado, que não consegue se concentrar, por exemplo, ajudam na melhora do rendimento escolar, porém é importante ver o quanto isso é realmente necessário e se no futuro poderá vir a causar danos para a saúde mental e física desse aluno.

Conforme Rodrigues (2013, p. 5), “o uso de medicação entre adultos e crianças tem sido considerado um ato disseminado, tentando mudar comportamentos que muitas vezes estão ligados a condições sociais e econômicas”. Essa medicalização está inserida cada vez mais nos dias de hoje, pois as aflições e a ansiedade pelo fazer e ser igual aos outros estão em destaque, e essa obsessão por fazer bem feito, ou melhor, gera frustração, podendo levar à alienação e ao adoecimento psíquico entre adultos e crianças que não conseguem lidar com as adversidades.

Nessa direção, as especialidades médicas, como Psiquiatria, Neurologia e também a Psicologia, recebem encaminhamentos de crianças provenientes das escolas e cuja queixa se refere a

“problemas” caracterizados como hiperatividade e déficit de atenção, conceito cujo uso já é senso comum (RODRIGUES, 2013, p. 5).

Os diagnósticos de hiperatividade e déficit de atenção estão se tornando rotineiros nas escolas, mas é preciso estar atento, pois nem sempre a medicação é a melhor solução. É muito favorecido o aluno que tem um atendimento especializado pelo professor e por um psicólogo. Ao falar de acompanhamento psicológico, é importante ressaltar o quanto a família pode ser beneficiada e beneficiar a criança que passa por esse processo. Os auxílios para os pais ou parentes que convivem com as crianças através de terapias em grupo ou em particular ajudam e estruturam a família, que assim pode ajudar de outra forma seus familiares prejudicados.

[...] não estariam as crianças falando, com seus *Corpos Que Não Param*, de uma sociedade, de instituições escolares e familiares padecendo de um “transtorno de déficit atencional” às suas crianças? Não seria necessário atendê-los ao invés de questioná-los? (FREITAS, 2014, p. 54)

Quando a criança é escutada por seus familiares e pela escola muitas mudanças significativas podem ocorrer. A atenção pode fazer uma grande diferença, não apenas se tratando de valores educacionais, mas os que serão levados para toda a vida.

Ter diálogos com a criança aluno, filho, neto, colega, trará sempre benefícios para uma melhor convivência e desenvolvimento cognitivo, pois este estímulo de vida também é importante e valioso. É imprescindível que o aluno tenha juntamente com o processo de medicamentos e terapias psicopedagógicas esse acompanhamento para que o aprendizado e a sua vida social melhorem.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas gravadas com três professoras, sendo uma da área da educação infantil, uma coordenadora pedagógica e outra dos anos iniciais do ensino fundamental, todas do Município de Nova Prata/RS, contemplando as três diferentes redes do ensino: particular, estadual e municipal. Foram escolhidas as professoras desse município por se tratar do município onde passei a maior parte de minha vida e, dessa forma, soa a curiosidade em conhecer a opinião de seus docentes sobre a educação de forma geral e de forma mais específica sobre a temática, resultando, assim, um breve recorte da educação neste município.

Esta pesquisa é um estudo de multicasos, já que cada uma das entrevistadas tem uma realidade diferente. Foram realizadas entrevistas individuais, a partir de um roteiro, porém outras questões foram acrescentadas quando necessário. O roteiro é apresentado a seguir.

Nome:

Idade:

Formação?

Há quanto tempo atua na área da educação:

Rede em que atua: () Escola Estadual () Escola Municipal () Escola Privada.

Turma-série em que atua.

1. Você já observou, em seu trabalho, alunos com dificuldade para aprender?
2. De que forma se manifestam as dificuldades de aprendizado?
3. É possível resolver estes problemas (essas dificuldades) em sala de aula?
4. Você procura saber os motivos para o aluno não aprender?
5. A não aprendizagem do aluno (ou suas dificuldades para aprender) depende de que fatores?
6. O que você costuma fazer quando se depara com algum aluno com dificuldade de aprendizagem?

7. Já passou pela situação de aprovar um aluno mesmo sem que tenha atingido os objetivos? Por quê?
8. O que acha do uso de medicação por alunos com dificuldades de aprendizagem?
9. Você acredita que os problemas de aprendizagem devem ser resolvidos pelo professor ou é necessário contar com o apoio de outros profissionais?
10. Breve relato sobre alguma experiência de aluno ou ex-aluno com dificuldades de aprender, medicalizado ou não.

Diante da explicação de que as entrevistas seriam gravadas, todas as professoras perguntaram se poderiam saber antecipadamente quais eram as perguntas, assim podendo pensar previamente na resposta. Foi explicado que seria melhor gravar e assim elas saberem, pois só eu escutaria depois, então se falassem algo que depois quisessem repensar poderiam fazer no momento da entrevista mesmo. Em função da sua insistência, foi feito um breve levantamento sobre o que perguntaria, e acredito que o resultado foi melhor, pois me relataram muitas experiências e me disseram “eu fiquei pensando e achei que seria importante te dizer isso”.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas e analisadas as respostas, buscando realizar conexões entre elas. Foram entrevistadas três professoras que atuam na educação infantil, séries iniciais e coordenação pedagógica na rede pública do município de Nova Prata/RS e que serão designadas pelos nomes fictícios de Ana, Maria e Paula. A escolha desses nomes foi aleatória e teve o objetivo de preservar a identidade das entrevistadas. Cada subtítulo faz referência a uma fala significativa de cada professora.

4.1 Professor não dá diagnóstico nenhum. É um conjunto de profissionais

A apresentação dos dados será iniciada por meio do relato da entrevista com a professora Ana, que atua na área da educação infantil em uma escola particular de Nova Prata há três anos e meio e está se formando em Pedagogia com especialização em educação infantil, séries iniciais e empresarial. Ao ser questionada sobre a forma como se manifestam as dificuldades de aprendizagem, Ana afirma:

A criança tá desatenta, não consegue se concentrar para fazer a atividade, ou a criança não se interessa, daí quando acontece isso tem que procurar outra forma de fazer a criança interagir mais, através do lúdico, e se, mesmo assim, não melhorar, é porque realmente tem alguma questão psicológica. A criança, se não aprende de um jeito, aprende de outro, envolvendo um jogo, uma brincadeira. Na educação infantil, quanto mais tu proporcionar situações concretas, não só no papel, é algo a mais pra criança aprender, então tu tens que tentar outras alternativas, pra tentar o sucesso na aprendizagem

Nesta fala da professora Ana, é perceptível a sua preocupação com o aluno, tentando oferecer outras maneiras de ensinar para que ele aprenda.

Cada um se aperceberá, sem sombra de dúvida, de que o sujeito, assim composto, se organiza em um sistema hipercomplexo. Do ponto de vista sincrônico, todos os seus componentes são do mesmo nível, sem hierarquia, mas com predominâncias instáveis, em razão

das modalidades, incessantes e variáveis, de acordo com as interações com o meio (DOLLE, 1996, p.31).

O meio em que os alunos convivem não é fechado, padronizado, todos aprendem, mas nem sempre da mesma forma. Cada um tem suas complexidades, e isso faz muita diferença na aprendizagem. Para o professor ter o olhar voltado para essas diferenças e não dificuldades e comparações entre eles é fundamental.

Acho que professor não dá diagnóstico nenhum, o professor só tem, na verdade, no papel dele, o diagnóstico precoce... O único papel do professor é diagnosticar se a criança tem algum problema, mas o professor só pode dar o encaminhamento, por exemplo, se precisa de uma psicopedagoga, de um psicólogo, a criança precisa ir pro neuro, é um conjunto de profissionais que vão dizer...

Fica claro também na sua fala o quanto um diagnóstico precoce é importante para que a partir deste ela possa acionar o apoio da família e da comunidade escolar. Para Ana, fica perceptível que o diagnóstico completo é feito por uma série de profissionais, que não é cabível ao professor apenas perceber um problema no aluno e apenas com um médico ou um psiquiatra diagnosticar alguma doença ou síndrome, pois são vários profissionais que chegam juntos nesse diagnóstico, para que este não seja frágil e possa ser avaliado com vários critérios.

Eu tenho uma aluna que tem sérios riscos de ter síndrome do pânico, tudo o que é novo ela estranha, ela começa a chorar, sai da rotina dela ela chora, quando tem muita gente ela começa a chorar porque aquele ambiente não tá fazendo bem pra ela. Faz três anos que ela vai à escola e dez do maternal ela tem esse comportamento. Melhorou o comportamento dela, a gente pode dizer que teve avanços, só que eu acho que isso não vai melhorar se ela não tiver um atendimento psicológico. Então no início do ano eu já orientei o pai, porque eu já conheço ela na escola [...]Esse comportamento que ela ainda tem pode ser preocupante porque pode se tornar um problema mais grave, até porque ela faz isso em casa então é pro bem dela e da família. Ela tinha que ficar sempre com a profe, quando saía da rotina, porque a rotina passa segurança pra criança, eles precisam saber o que vão ter na escola [...] eu sou a pessoa pra ela que passo segurança.

Nesta fala, observa-se o comportamento da professora em conversar com o pai, conhecer a criança, buscar o olhar sobre a menina, perceber essa dificuldade que ela tem quando a rotina foge do seu controle, é um papel fundamental para que esta aluna possa progredir na escola. Não está passando despercebida, está sendo analisada dentro e fora da escola, pois os pais também foram alertados a observarem esse comportamento na filha e buscarem ajuda, não apenas da professora, que vem fazendo o seu papel de investigadora, mas também de outros profissionais.

A partir do olhar dos familiares, professores e alguns profissionais como pedagogo, psicólogo e psiquiatra, é imprescindível que a criança já tenha testado todos os tipos de estímulos ao ensino que a escola pode proporcionar e estarem cientes que o uso de um medicamento para um tratamento de síndrome do pânico, por exemplo, pode gerar mal estar e prejudicar a criança em outros aspectos.

Não adianta a criança estar medicada, sentir-se segura na sala de aula quando tarefas não programadas acontecem e se sentir mal, com náuseas, dor de cabeça e sono, por exemplo. Até que ponto a medicação vai adiantar? É uma situação delicada e tem que ser tratada com seriedade, pois em algumas vezes podemos ser apenas mercadorias do poder capitalista e a sociedade em que vivemos pode não visar sempre ao bem estar do outro e sim ao seu próprio.

Vinculação que eles fazem do dispositivo de medicalização ao interior da vida biopolítica, mostrando como a medicalização assume uma dupla faceta – características do biopoder – que tanto controla os corpos individualmente quanto mobiliza as ferramentas de gestão da população. (SANTOS, 2014, p.29)

A partir de um problema, outros podem ser gerados e nesse processo o mercado sempre está inserido, pois se, ao tomar remédio, estamos resolvendo um problema, estamos criando outros, como dor de cabeça, por exemplo, e para esta existirá mais um remédio e assim por diante. Há um grande lucro, mas nem sempre o melhor para o ser humano e sua saúde, e sim o que mais gera benefícios financeiros.

É que a tal demanda por medicalização não ‘nasce’ de um sujeito com necessidades pré-existentes no mundo, mas, antes disso, que tais necessidades são criadas no próprio momento em que se passa a ‘dizer’, ‘falar’ sobre elas em diferentes instâncias (que envolve desde a indústria farmacêutica, que produz e comercializa medicamentos, até as políticas públicas de saúde) (SANTOS, 2014, p.30)

A sociedade em que vivemos funciona desse modo e o corpo humano acaba sofrendo suas consequências. Por que não tomar um remédio, se quem prescreveu foi o médico, que estudou para isso, sabe o que está fazendo? Será que é só a ele que devemos escutar? E como reagimos a isso? Como a criança que está sendo medicada está vivendo com isso? Se sente outros problemas físicos, mas que não atrapalham quem está ao seu redor será que é melhor ou apenas está mascarando um ser humano que tem problemas e é proibido de se manifestar, talvez porque vá atrapalhar o rendimento da turma? É importante entendermos até que ponto o poder da comercialização que está inserido na sociedade contribui para que este processo acabe sendo visto como natural para muitos pais e escolas.

4.2 Tem alunos que, tomando a medicação, mudam completamente

A professora Maria é coordenadora pedagógica em uma escola do Município de Nova Prata, é formada em Pedagogia com ênfase em Infâncias, atou em sala, como professora, por 27 anos. Ao ser questionada sobre como se manifestam as dificuldades de aprendizado ela afirma:

Vai pra escola, mas não consegue assimilar o que é passado pra ela, na sala de aula, agressividade às vezes [...] a profe na sala de aula também pode fazer sua parte, mas nem sempre, às vezes fica complicado [...] geralmente quando é assim, tem algum motivo familiar, emocional. A gente sempre procura ver, primeiro com a criança, depois com a família, sempre procuramos saber o porquê disso, e muitas vezes recebemos crianças já com muita dificuldade, então quando não se consegue com a ajuda da escola, da família encaminhamos para outros profissionais. Que no caso aqui nós temos o GAP (Grupo de Apoio Pedagógico) [...] eles fazem testes, aplicam aquele WISC, que é um teste pra ver o nível de inteligência, se tem algum bloqueio [...] a gente oferece, no contra turno, o reforço escolar, pra quem tem só dificuldade de aprendizagem, não entrando os AE, só os com dificuldade de aprendizagem. Temos um laboratório de aprendizagem, onde uma professora trabalha no contra turno com atividades diferentes e mais atividades lúdicas.

Nesta fala, é perceptível o compromisso que esta professora, como coordenadora Pedagógica, tem com sua instituição. Pode-se ver o quanto é importante ter esse apoio para as professoras e seus alunos.

É realizado um processo em que, primeiramente, há uma conversa com os alunos, depois com os pais. Existe também uma sala de recurso para fortalecer a aprendizagem antes de dar um passo além da escola, buscar a ajuda de outros profissionais. Este processo é muito valioso, pois cada aluno é analisado e só será exposto a um tratamento diferenciado após passar por vários processos de aprendizagem antes, dentro da escola, onde o professor e a comunidade escolar conhecem este aluno, e isso faz com que muitas vezes o problema se resolva internamente.

A escola pode ser para a família “o segundo lar”, “um depósito de crianças”, o lugar onde “os colocam na linha”, uma prisão, um mal necessário, um bem apreciado no sentido de utilidade para o dia de amanhã, o lugar onde se encontram com outras crianças, onde aprendem a obedecer, onde aprendem a defender-se, etc. Uma família pode ver-se alterada porque uma professora é muito rigorosa, e outra porque a professora não o é, suficientemente; para alguns a professora presta um serviço; para outros exerce um comando. (PAIN, 1985, p.49).

É fundamental o olhar da família quando o aluno não consegue acompanhar o processo de aprendizagem, porém, nem sempre este apoio ocorre. O que a família pensa da escola, como age em relação aos discursos que são propostos na comunidade escolar, há um contato entre a família do aluno e a instituição? Isso pode ajudar a criança a compreender o que ela faz dentro desse ambiente, assim ela se sente mais confortável para ter um rendimento natural, o que pode influenciar na capacidade de aprender.

Nas outras séries também, praticamente todos os anos a gente aprova aluno sem ter condições, porque tem alunos que já estão com a gente há bastante tempo e a gente vê que eles se esforçam, que eles se dedicam, que eles estudam, que eles buscam, que eles têm interesse mas eles não vão além daquilo, mesmo que não tenha um laudo detectando que há dificuldade de aprendizagem, a gente percebe que eles dão o máximo deles, que eles dão tudo que podem e não vão além disso, então não tem por que a gente segurar,

segurar, todo ano segurar, se a gente vê que eles fazem tudo o que lhes cabem, tudo o que eles têm condições e não vão adiante, então, às vezes, estes são aprovados. Alunos com laudo, também, eles têm, quando eles têm esse laudo eles já tem uma... tá embasado que às vezes não adianta a gente reter na série, porque esses também não têm condições de dar e ir além daquilo, então a gente acaba aprovando também.

É interessante como a professora Maria sabe sobre seus alunos, o quanto ela demonstra interesse por eles, e nesta parte da entrevista é perceptível o quanto a escola tem o papel de fazer o aluno crescer. Será que esta criança não se sentirá mais inteligente passando de ano, conhecendo novos saberes, se ele já mostrou tudo o que conseguia na série em que estava? Por que não o incentivar com novos conteúdos, novas experiências? O monótono às vezes se torna cansativo e desestimulante.

Outro aspecto relevante a ser destacado em sua fala é em relação a um aluno que toma medicação e tem um rendimento melhor na escola.

Começou a tomar a medicação, um mês depois era um aluno maravilhoso, tranquilo, notando-se que o dia que não toma é completamente diferente. Ele tem que estar sempre medicado para conseguir dar as respostas que a escola precisa. Quando não está medicado volta a ser a criança que ele era. Em outros casos a gente já teve criança que dormiam, que sentiam muita dor de cabeça, com náuseas, vômito.

Analisando o contexto social em que vivemos não se pode esquecer o quanto a indústria e o consumismo são importantes para o favorecimento da sociedade capitalista. Quando Santos (2014 p.33) fala “se quisermos uma metáfora: a medicalização é apenas a ponta do fio de um novelo muito emaranhado”, medicar a criança e achar que o problema está resolvido pode não ser a melhor opção. Cada organismo reage de forma diferente e o uso da medicação pode gerar efeitos colaterais ruins, além disso, o meio em que a criança vive influencia muito, pois, não tendo uma relação saudável com a família, talvez a medicação não vá adiantar por muito tempo, ou ser a solução do problema.

Porque tu achas que tem aumentado esses problemas e essa questão da medicação? A gente sempre comenta na escola, como temos bastantes alunos que vêm de fora, de outras cidades, um dos motivos que achamos que está afetando muito são as drogas. Temos muitas famílias que sabemos que são dependentes e que os filhos desses casais acabam apresentando muita dificuldade de aprendizagem. Pode ter quase que certeza que noventa e nove por cento de que isso influencia e muito.

A professora afirma que a dificuldade de aprendizagem ocorre muito mais com crianças que têm familiares usuários de droga e isso é um assunto levado constantemente às reuniões mensais que a coordenação pedagógica do Município realiza na qual as pedagogas de todas as escolas participam. Essa questão está crescendo consideravelmente, pois muitas famílias de fora estão se mudando para a cidade, sendo assim fica mais difícil controlar e saber do histórico dos novos alunos que estão chegando.

Por ser uma cidade pequena, algumas vezes a escola se sente intimidada a investigar essas novas famílias que chegam à cidade, já que em alguns casos ocorrem ameaças e desentendimentos entre a escola e familiares e quem mais se prejudica nesses processos acaba sendo o aluno, infelizmente.

Outra questão importante é que se pode dizer que sim, a escola, o ensino e a medicalização também estão inseridos no processo de comercialização de determinados produtos. Se há uma comercialização da saúde, ela está inserida no espaço escolar também. Por isso, é preciso ter cuidado para que os medicamentos sejam os últimos recursos na tentativa da melhoria da aprendizagem.

Torna necessário que essas próprias políticas educacionais de formação de docentes criem espaços de ressignificação de suas práticas, que revisem suas 'velhas' alianças entre educação e saúde na direção de considerar se os encaminhamentos aos especialistas daqueles daquelas que não param quietos/as nas salas de aula se constitui na prática mais adequada - afinal, trata-se de um problema médico ou de uma questão da educação, sendo, portanto, social? (SANTOS, 2014, p. 35)

A formação dos professores, a política educacional, juntamente com a política da mídia, fazem parte desse grande problema social também. O que

seguimos, o que achamos correto ou não, está na forma em que estudamos e nos estruturamos. Se tratando do assunto: Educação; como somos instruídos a pensar sobre isso faz toda a diferença e está impregnado no meio social, pois está tudo interligado e tudo faz parte de um poder político onde temos apenas que seguir as regras, achando que estamos fazendo o melhor, pois se foi imposto pela sociedade é porque é o melhor. Mas será que este processo está sendo feito da melhor forma para o cidadão ou para o poder capitalista? Assim somos feitos de fantoches pela mão da minoria, o poder capitalista, e isso se reflete muito na escola.

4.3 Ele tá melhorando, bem pouquinho, mas tá melhorando...

A professora Paula é formada em Pedagogia, com pós-graduação em gestão escolar e magistério. Atua na área há 40 anos. É aposentada, mas atua com uma nomeação ativa. Tem 63 anos. Uma das maiores preocupações de Paula é que os alunos não deveriam passar para a próxima série sem estarem prontos.

Já passou por alguma situação em que tive que aprovar algum aluno mesmo com muitas dificuldades? Sim, várias vezes, principalmente agora que não pode ser reprovado, vai muito aluno pra série seguinte sem estar preparado, o que eu acho errado, eu acho que ele deveria ficar na idade certa, na turma certa. Em qualquer série o aluno não deveria ser aprovado se não está apto...

Esta questão já foi muito discutida e é algo bem presente em conversas realizadas também com outras professoras de Nova Prata. Muitas acham errado, mas acredito que deva ser bem discutida e repensada esta ideia, pois será que o aluno tem “um tempo” para estar apto? Será que ele não está em um processo e quando chegar ao final do 4º ano, por exemplo, ele não vai ter conseguido atingir os conhecimentos básicos, para avançar de série e possa ter tido dificuldades nos primeiros anos mais do que os outros alunos? Quem impõe que isso é o correto, que é desta forma que se deve aprender? Será que o poder não está mais uma vez determinado o que devemos fazer e em que

período isso deve acontecer, pois, se não seguirmos essa ordem, não somos normais?

*Eu tenho uma experiência agora de um aluno que a mãe não se importava, a mãe nem mandava o material, ele é hiperativo, ele destrói o material, ele ia sem caderno, sem lápis, e não aprendia nada, agora ele foi morar com a avó, então ela cuida, incentiva em casa, então ele tá melhorando, bem pouquinho, mas tá melhorando. **Mas ele toma alguma medicação?** Ainda não, mas agora ele vai para um neurologista, um psiquiatra e um psicólogo. **E quem faz essa frente são os pais?** Não, tem uma coordenadora da escola que é responsável, encaminha para o posto de saúde e o posto encaminha... **E se os pais não forem adiante?** Se os pais não forem adiante, aí não dá pra encaminhar para um psicólogo sem a aprovação deles...*

Nesta fala, pode-se perceber que além da comunidade escolar esses alunos e professores têm o auxílio do governo. Nos casos em que a avaliação psicológica, neurológica e psiquiátrica devem ser acionadas, o aluno é encaminhado juntamente com uma avaliação da professora e da pedagoga ao Posto de Saúde, ou seja, mesmo que pouco, em algum lugar a educação e a saúde conseguem andar juntas para todos. É importante que os pais dessas crianças tenham interesse, para que as famílias sejam beneficiadas.

Quanto à melhora do aluno que é perceptível pela educadora, é visível o apoio que a avó está fornecendo. Segundo Paín (1985, p. 22), “É comum a criança com problemas de aprendizagem apresentar um déficit real do meio devido a confusão dos estímulos, à falta de ritmo ou à velocidade com que são brincados ou à pobreza ou carência dos mesmos”.

O estímulo é muito importante, pois nem sempre a professora consegue dar esse apoio individualizado e ter alguém fora da escola auxiliando o aluno pode fazer a diferença. Esse processo é fundamental, pois mesmo sendo pouco, já está evoluindo e talvez ao longo do tempo pode-se perceber que havia algo que envolvia a vida familiar que não estava deixando o aluno aprender com mais facilidade.

Finalizando este capítulo, é perceptível o interesse que as professoras entrevistadas têm pelos seus alunos. Por terem diferente tempo de profissão, sendo uma já aposentada, mas que continua atuando e outra que esta apenas no seu segundo ano trabalhando nesta área, não percebo diferenças de interesse ou cansaço por uma educação de qualidade, muito menos por serem escolas com diferentes níveis sociais, pois, como a cidade é pequena, a escola particular muitas vezes é vista pelos seus cidadãos como a de melhor qualidade de ensino.

Outro fator que vejo relevante nas falas é o quanto o conhecer as crianças e seus familiares ajuda na educação dos seus alunos, pois, a partir disso, as professoras lidam não apenas com os problemas de aprendizagem, mas também influenciam numa melhor trajetória de vida desses alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar a escrever o trabalho tinha como objetivo saber o que professoras de Nova Prata/RS, de diferentes idades e tempos de experiência na área da pedagogia, achavam e como agiam em relação à medicalização na educação e creio que atingi com êxito esse objetivo, pois vi que há um forte olhar dessas profissionais nos locais de trabalho onde atuam.

Há uma constante preocupação e avaliação de seus alunos, com métodos diferenciados, e com apoio dentro e fora da escola. Todas relataram casos que foram ou serão solucionados tendo partido do olhar preocupado destas, sem passar despercebido, sem deixar com que o aluno se torne um problema, pelo contrário, pode-se ver que buscam ajudar da melhor forma e há sim uma grande preocupação para que os problemas se resolvam.

Ao longo do semestre, quando as pessoas perguntavam o tema do meu TCC, ao explicar, me diziam: “esse é um assunto bem complicado, interessante e muito importante, mas bem complicado”. Desde então, acho que foi um desafio e uma busca por respostas e novas aprendizagens. Acredito que muitas pessoas se questionam. Em uma conversa, ouvi de um amigo: “é um assunto da moda”. É um assunto visível e não apenas por educadores, mas pela sociedade em geral, já que essas falas também vieram de pessoas de diferentes áreas profissionais.

Em conversas com minha orientadora percebi o quanto este assunto é interessante e importante de ser estudado. Em alguns momentos tive dúvidas como: Por que será que há tempos atrás não existiam tantas crianças com estes diagnósticos e hoje em dia isso é muito mais visível? Em poucas palavras me respondeu: Porque antes esses alunos não iam à escola e agora esta é obrigada a atendê-los. Uma dúvida que colegas minhas também tinham e que me parecia ser um enigma foi respondido assim, simplesmente. Por isso percebo o quanto é importante este trabalho do ponto de vista acadêmico, pois um tema é escrito e estudado ao longo de todo um semestre e faz refletimos

sobre todo um aprendizado que se constrói desde o início da faculdade, e junto com ele dúvidas que podem vir a ser sanadas apenas no final.

Busco neste capítulo uma conclusão com relação à fala das professoras também, e percebo que a comunidade escolar onde essas professoras atuam tem um forte interesse pelos seus alunos, buscando alternativas para ajudá-los antes do diagnóstico de outros profissionais e o uso de medicações.

Há também um forte olhar sobre o quanto o aluno pode aprender, se há um esforço da parte deste, a partir disso é perceptível que, embora em outro ritmo, os alunos aprendem se são estimulados a isso.

Há também muitos pontos relevantes que surgiram e ficam sem respostas imediatas e que me instigam a futuramente continuar estudos sobre essa área. Se o uso de medicação vem sendo um processo capitalista dentro do ambiente escolar, quais são as formas mais adequadas de lidar com isso? Será que a população simplesmente obedece a ordens, não existem questionamentos quanto ao que uma criança está ingerindo? Um medicamento que pode causar sintomas ruins, será que é a melhor solução para ter um bom rendimento escolar? Como as professoras entrevistadas estão percebendo isso na escola e quais atitudes são perceptíveis neste trabalho. Acredito que muito há para ser falado e repensado quando se trata de medicalização para a educação.

É importante e visível neste trabalho que o processo de diagnóstico e aprendizagem tem que ser feitos delicadamente e passo a passo e que se isso ocorrer com naturalidade fica mais fácil e possível que o aluno com dificuldades passe a ter melhoras. O apoio psicológico da escola e família acaba sendo o principal pilar dessa construção que é gradativa e muito complexa.

Ratifico aqui a importância que a medicação está tendo no ambiente escolar, mas não apenas para melhora de seus alunos e, sim, para visar ao objetivo de uma sociedade capitalista que pode ou não estar ocorrendo. Afirmar ou negar é complicado, mas é imprescindível que este assunto seja cada vez mais questionado e de interesse de toda a comunidade escolar e – por que não? - de todos os cidadãos.

Acredito que existem vários recursos que em outros tempos não existiam e a medicação é um deles, mas tem que ser muito estudada a sua utilização, principalmente em crianças, pois o processo do desenvolvimento físico e cognitivo está apenas se iniciando. Essas medicações podem solucionar um problema agora, que talvez nem exista, vindo a prejudicá-la futuramente, com outros, como arritmia cardíaca, por exemplo, que vem sendo um dos problemas deixados por medicações que foram ingeridas em excesso ou sem necessidade.

É importante que a escola e seus professores se questionem em relação aos seus métodos de ensino já que sempre há novos programas de ensino sendo determinados pelo governo, tendo a escola que repassar aos seus alunos. Questionar se estes métodos serão realmente incentivadores da educação e formação crítica dos alunos ou não é fundamental.

A escola ainda é muito visada como uma indústria, muito mudou, os alunos têm voz e vez, mas está dentro de uma sociedade capitalista onde ensinam os alunos a serem futuros trabalhadores, portanto a ideia de formar “soldados” ainda está inserida, de forma discreta, mas ainda está presente neste espaço.

Para finalizar, este trabalho me instigou a querer com mais determinação ser psicopedagoga futuramente, estudar e principalmente assistir de perto casos como os que foram apresentados e poder auxiliá-los da melhor maneira. Sei que esta vontade só está no começo de ser concretizada, pois, além da formação em Pedagogia, é necessário me especializar nesta área da psicologia e da educação, mas é um caminho que pretendo traçar em minha vida acadêmica para ser uma profissional não apenas completa, mas feliz com o que escolhi estudar e trabalhar.

Enquanto este processo ocorre, sigo conhecendo este meio que me fascina e me instiga a ser cada vez mais professora, mas não apenas como educadora e sim como uma condutora de conhecimentos e ensinamentos de vida, com presença humana e carinho com os meus alunos e não apenas como alguém que está em um ambiente onde o aluno aprende e o educador

ensina o conteúdo que a escola e a sociedade precisam que seus alunos aprendam.

6. REFERÊNCIAS

DOLLE, Jean-Marie; BELLANO, Denis. *Essas Crianças que Não Aprendem. Diagnósticos e terapias cognitivas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FREITAS, Cláudia Rodrigues. A Atenção como contraponto ao Déficit de Atenção. In: Santos, L. H. S e outros (org). *Formação de Professores/as em um mundo em transformação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014 p. 39-59.

MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. Epistemologia Genética. In: SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea e FOSSATTI, Paulo (orgs). *Psicologia e educação: perspectivas teóricas e implicações educacionais*. Canoas: Salles, 2008. p.17-26

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

PIAGET, Jean. *Problemas de Psicologia Genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RODRIGUES, M. S. Marlete. *Medicalização de crianças: revisando dissertações de mestrado no banco de teses da CAPES* Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SANTOS, L. H. S. Escola, currículo e Medicalização do corpo. In: Santos, L. H. S e outros (org). *Formação de Professores/as em um mundo em transformação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014 p. 26-38.

SARMENTO, F. Dirleia. Epistemologia Genética. In: SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea e FOSSATTI, Paulo (orgs). *Psicologia e educação: perspectivas teóricas e implicações educacionais*. Canoas: Salles, 2008. p.17-26.